

Práticas de inumação e práticas de construção em Horta da Morgadinha 2 (Salvador, Serpa)

Sergio Gomes^{}, Lúdia Baptista^{**} e Lurdes Oliveira^{***}*

Resumo:

Neste artigo analisamos um conjunto de estruturas em negativo de Horta da Morgadinha 2 (Salvador, Serpa) que apresentam contextos onde ocorrem cadáveres humanos, de animais (canídeos) e depósitos faunísticos articuláveis, cronologicamente, com o período de transição entre o Neolítico Final e o Calcolítico. Nas análises destas estruturas, discutimos o modo como se cruzam as práticas de inumação e de construção, tentando demonstrar que a arquitetura das estruturas decorre desse cruzamento.

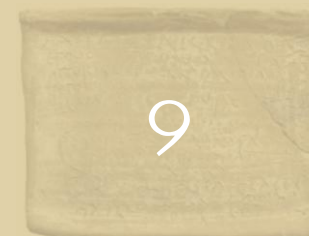
Abstract:

This paper focus on a group of negative structures from the site of Horta da Morgadinha 2 (Salvador, Serpa) within which occurred burial contexts (with human and animal corpses). Within this analysis we will discuss the intertwining between the burial and construction practices, arguing that the architecture of the structures is made on such web of practices.

^{*} Arqueologia & Património Lda., CEAUCP – CAM

^{**} Arqueologia & Património Lda., FLUP, CEAUCP – CAM

^{***} Bolseira de doutoramento da FCT, CEAUCP – CAM



INTRODUÇÃO

A intervenção em Horta da Morgadinha 2 decorreu na sequência dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural promovidos pela *EDIA*, S.A. no âmbito da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé – Fase de Obra. A escavação das áreas afetadas pela execução do projeto permitiu identificar várias estruturas em negativo que apresentam diferentes aspetos morfológicos, diferentes sequências de enchimento e diferentes cronologias. Neste artigo iremos apresentar um conjunto de estruturas (nº 7, nº 14, nº 19 e nº 20/35) articuláveis com o Neolítico final/Calcolítico, onde foram reconhecidos contextos de inumação de humanos e animais. Na análise dos contextos tentaremos contribuir para problematizar a arquitetura enquanto um jogo onde o lugar dos participantes se faz pelo entrelaçamento de práticas (McFadyen 2006). Neste caso, analisaremos, então, o modo como a dinâmica de delimitação do espaço das inumações está associada à dinâmica de construção das estruturas.

1. APRESENTAÇÃO DA ESTAÇÃO DA HORTA DA MORGADINHA 2

Horta da Morgadinha 2 localiza-se no topo de uma pequena colina sobranceira ao Barranco da Morgadinha, um afluente da Ribeira de Enxoé (Fig. 1). Os trabalhos, desenvolvidos no âmbito da abertura da vala de implantação de uma conduta do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé, permitiram constatar a existência de uma estação arqueológica que parece apresentar uma ampla área de distribuição de estruturas em negativo. Com efeito, ao longo do corredor da conduta, foram reconhecidas mais de três dezenas de estruturas em negativo de morfo-

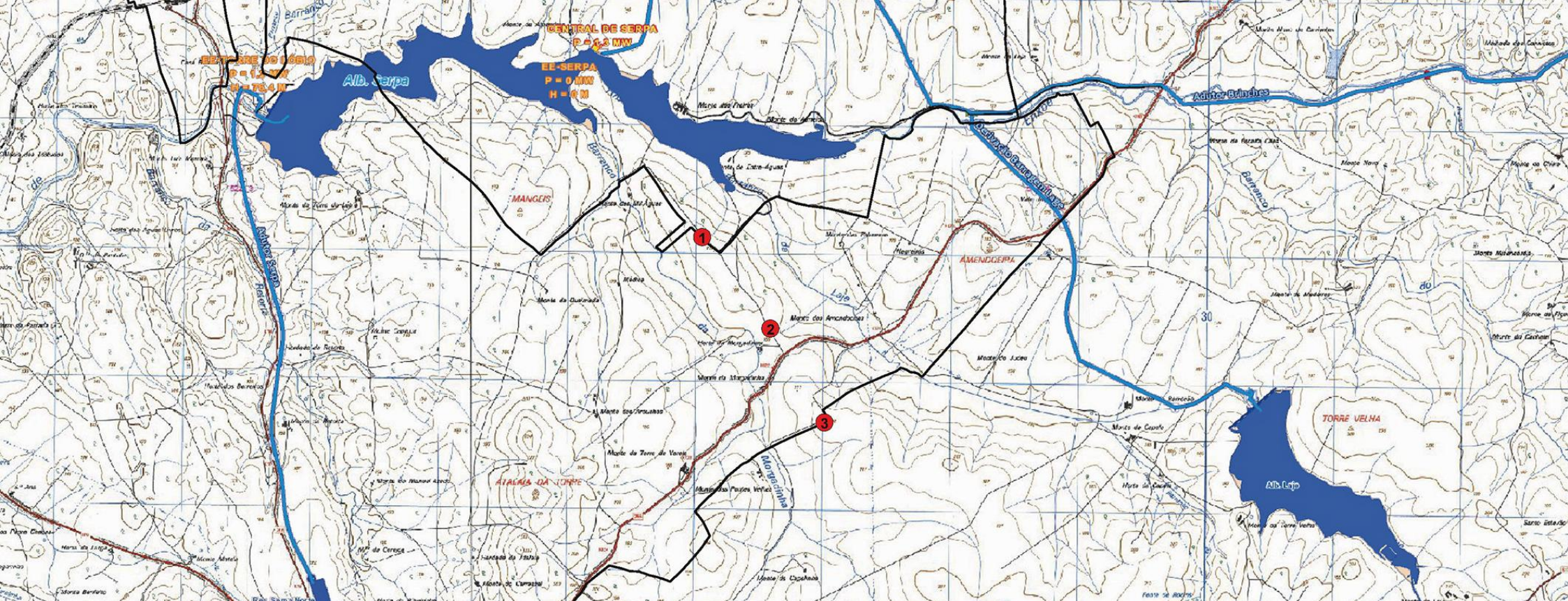


Fig. 1.— Localização de Horta da Morgadinha 2, Horta da Morgadinha 1 e Horta da Morgadinha

logia distinta (Fig. 2). Considerando a variabilidade morfológica das estruturas, foram considerados cinco grupos: “fossas” de forma semi-globular; “fossas” de forma tendencialmente cilíndrica; “fossas” de profundidade muito reduzida; “fossas” com nichos parietais; e “fossas” de planta em 8. A análise da componente artefactual destas estruturas permitiu o reconhecimento de dois intervalos cronológicos: transição III^a/IV^a Milénios a.C. e transição II^a/I^a Milénio a.C.¹ No que diz respeito aos enchimentos das estruturas, para além daqueles que serão apresentados no ponto seguinte, é de salientar a ocorrência de contextos de deposição/concentração de distintas categorias artefactuais que apresentam formalizações muito distintas (Chaves *et al.* 2012).

1. Nos conjuntos do III^a/IV^a Milénios a.C. foi possível constatar o seguinte grupo de artefactos: placas de tear; taça semi-esférica; recipiente tronco-cónico invertido; taça/prato de paredes retas (com quebra muito pronunciada); taça/prato de paredes retas (com quebra pouco pronunciada); recipiente de perfil em elipse; indústria lítica em sílex, quartzito, quartzo e granito. Nos conjuntos artefactuais do II^a/I^a Milénio a.C. é de salientar a presença de: pesos de tear (cilíndrico); taças em calote de esfera; recipientes ovóides fechados; recipientes com carena; punhais em liga de cobre; indústria lítica em granito (dormentes e moventes).

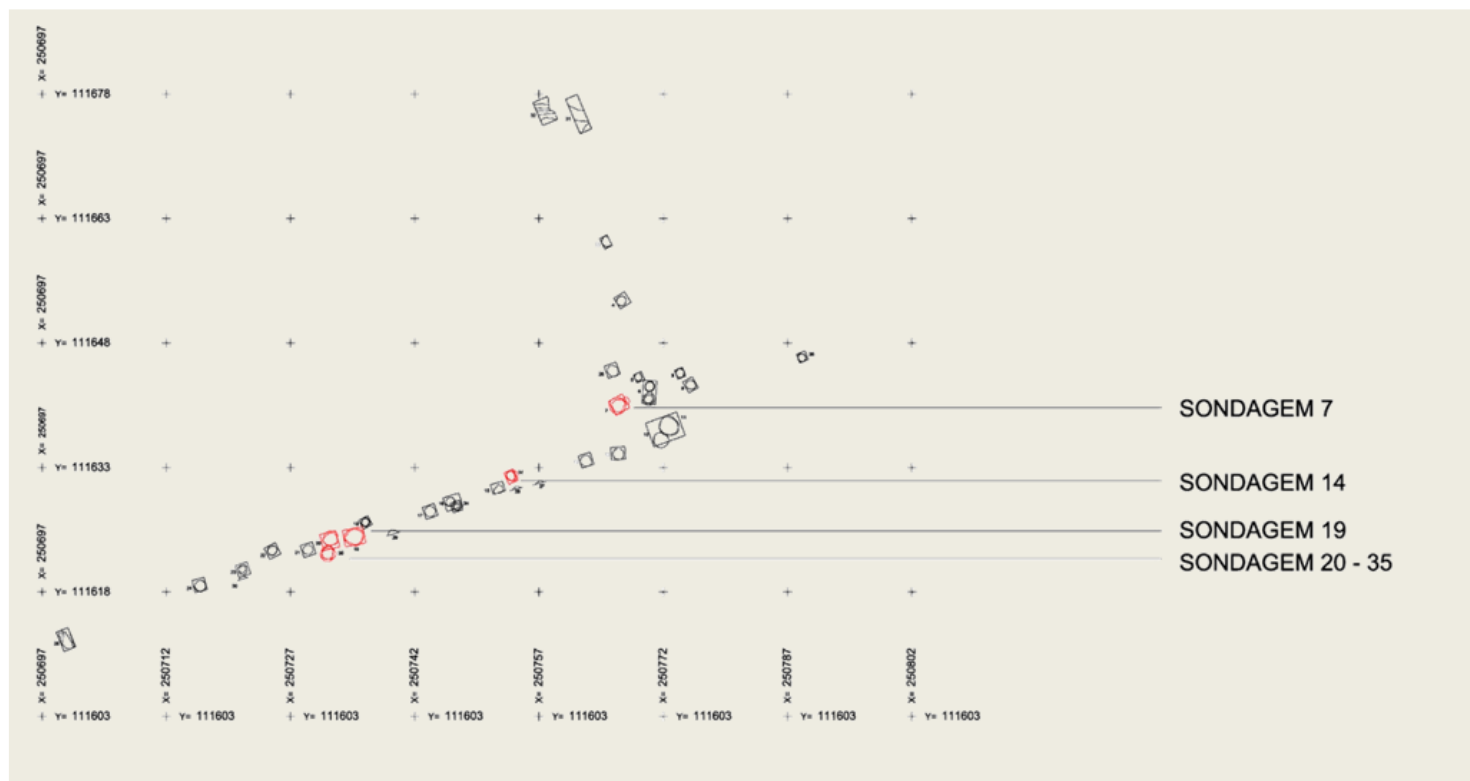


Fig. 2.— Planta geral da Intervenção (a vermelho estão assinaladas as estruturas em análise: estruturas nº 7, nº 14, nº 19 e nº 20/35)

A propósito da localização e da extensão da estação de Horta da Morgadinha 2 é de salientar a possibilidade da sua articulação com outras duas estações localizadas nas imediações da área intervencionada: Horta da Morgadinha e Horta da Morgadinha 1 (Fig. 1). Com efeito, nos trabalhos desenvolvidos nestas estações foram também identificadas estruturas em negativo que apresentam aspetos morfológicos, sequências de enchimentos e cronologias semelhantes às identificadas em Horta da Morgadinha 2 (Baptista *et al.* 2009; Baptista e Gomes 2010; 2012). Considerando esta possibilidade, podemos estar perante um dispositivo arquitetónico constituído por estruturas em negativo, distribuídas por uma

extensa área, cuja delimitação (ou delimitações ao longo do tempo) pode estar em associação à geografia da área onde se distribuem (às linhas de água e ao relevo, por exemplo). A discussão desta hipótese insere-se numa problemática que perspetiva a arquitetura das estruturas em negativo a uma escala de análise ampla (Valera 2012a, por exemplo), comportando um conjunto de questões cujo desenvolvimento excede os objetivos deste artigo.

2. COMPARAÇÃO DAS DINÂMICAS DE INUMAÇÃO E DE CONSTRUÇÃO DAS ESTRUTURAS Nº 7, Nº 14, Nº 19 E Nº 20/35 DE HORTA DA MORGADINHA 2

As estruturas em análise apresentam níveis de inumação ou de depósitos faunísticos, cuja ocorrência permite uma discussão acerca do seu papel na construção dos enchimentos e da forma das estruturas. Nos próximos sub-pontos vamos descrever separadamente as estruturas, selecionando alguns aspetos que nos permitem fazer uma comparação do papel desses elementos.

Estrutura nº 7

A estrutura nº 7 apresenta um corpo central, de morfologia semi-globular, ao qual se encontrava anexado, do lado nordeste, um nicho parietal; no topo da estrutura, do lado sudeste, a estrutura apresentava uma irregularidade que nos parece decorrente da destruição de um outro nicho parietal (Fig. 3). No interior de cada um destes espaços foi identificada a inumação de um sub-adulto² (Figs. 4 e 5). Considerando a localização dos cadáveres, parece que a morfologia da estrutura está em “diálogo” com as práticas de “deposição/inumação”.

O cruzamento destas práticas torna-se ainda mais evidente quando temos em conta o tipo de estrutura de “colmatagem/ocultação” dos níveis de inumação. Com efeito, os nichos foram colmatados por blocos pétreos que “encostam” às

2. O levantamento e estudo antropológico é da responsabilidade de Zélia Rodrigues (2012).

paredes da estrutura (Fig. 5.2 e 5.3). Quando consideramos as práticas de inumação na sua ligação com a morfologia da estrutura, parece existir uma re-
feitura do “corpo central”. Ou seja, na sua articulação com as práticas construtivas, as práticas de inumação refazem a estrutura pela anexação de nichos ou irregularidades que alteram a tendência semi-globular da estrutura e adicionam construções pétreas a uma prática de definição de espaços caracteri-

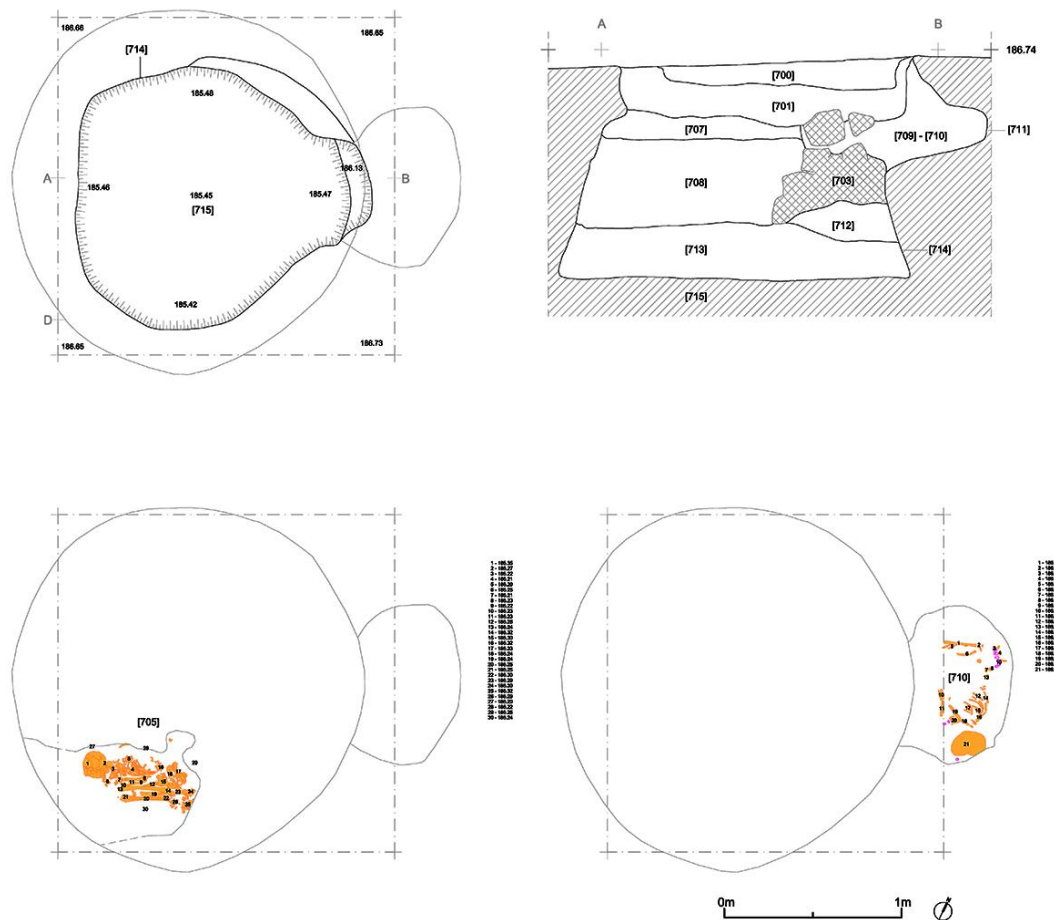


Fig. 3. — Estrutura nº 7: Planta, Secção e Níveis de Inumação

zados pela escavação do subsolo. Simultaneamente, nesse refazer da estrutura parece existir um jogo com as possibilidades da verticalidade da estrutura que se opõe à horizontalidade dos depósitos que compõem o resto da sequência identificada. Com efeito, as restantes UEs apresentam uma formalização onde se destaca a sua horizontalidade, isto é, parecem tratar-se de depósitos que, independentemente das práticas a que estão associados, vão enchendo a estrutura em camadas mais ou menos horizontais. Este aspeto é ainda mais notório num plano intermédio da UE 713, definido a propósito da concentração de blocos pétreos (Fig. 5.4). Esta concentração, localizada no lado Este da estrutura, ao contrário das construções inclinadas que colmatam os níveis de inumação, trata-se de um aglomerado horizontal de blocos pétreos. Deste modo, na sequência de enchimento da estrutura parece existir um jogo de alternância entre elementos que privilegiam a verticalidade da estrutura e outros que se desenvolvem horizontalmente, estando os primeiros em associação às práticas de inumação.

Nesta alternância na formalização dos elementos que compõem a sequência estratigráfica (e que, de um ponto de vista da prática da arquitetura, “constroem” a estrutura) existe também uma especificação relacionada com a ocorrência de elementos artefactuais. Com efeito, tendencialmente os elementos desta natureza ocorrem em depósitos cuja formalização se caracteriza pela sua horizontalidade³. Em contrapartida, os elementos verticais não apresentam um conjunto artefactual associado. A esta caracterização da disseminação dos elementos artefactuais, deve ser acrescentado que os níveis de inumação não estão em associação com qualquer tipo de “oferenda”, sendo que, apenas se registou a ocorrência de três fragmentos cerâmicos no depósito (UE 709) que cobre o indivíduo UE 710. No que diz respeito ao conjunto artefactual, é de salientar o seu elevado grau de fragmentação. Com efeito, à exceção de um pequeno recipiente de paredes retas recolhido na UE 713 que se encontrava inteiro, os restantes elementos (cerâmicos, líticos e fauna) correspondem a

3. A exceção a esta tendência é a UE 712, que não apresenta qualquer elemento artefactual.



Fig. 4.— Estrutura nº 7: nível de inumação UE 705

fragmentos de diferentes dimensões (Figs. 6 e 7). Na maioria dos casos, esses fragmentos não colam entre si, remetendo, deste modo, para ligações a outros contextos onde possam ocorrer os restantes fragmentos dos elementos representados.



Fig. 5.— Estrutura nº 7: 1. Nível de inumação UE 710; 2 e 3. Estruturas pétreas de colmatção dos nichos onde forami colocados o indivíduos UE 705 e UE 710 ; 4. Plano intermédio da UE 713

3.2. Estrutura nº 19

A estrutura nº 19 apresenta exclusivamente um corpo central de morfologia tendencialmente cilíndrica, isto é, apresenta uma planta circular, paredes mais ou menos retas e o diâmetro de abertura da boca é semelhante ao da base (Fig. 8.1). Durante a escavação do seu enchimento, foi sendo definido um conjunto de depósitos de matriz areno-argilosa de cor castanha, cuja individualização se prendia, fundamentalmente, a variações de tonalidade e a diferentes graus de compactação. Nestas UEs foi identificado um conjunto artefactual constituído por fragmentos cerâmicos, líticos e fauna.

Após a remoção da UE 1906, a sequência e a distribuição dos elementos artefactuais acima descritas alteram-se, tendo-se definido um nível onde (Fig. 8.2 e 8.3):

1) No âmbito dos elementos faunísticos⁴, foram identificados dois cadáveres quase inteiros de canídeos (UEs 1910 – o crânio está ausente – e 1911 – as vértebras caudais estão ausentes); o crânio de um outro canídeo (UE 1912) e dois concentrações de ossos: UE 1907 (PI) – constituída maioritariamente por ovi-caprídeos – e 1908 – que apresenta muitas conexões anatómicas de partes de canídeos, sendo que se contabilizaram pelo menos dois crânios nesta concentração, e ainda um membro posterior de bovívoro em conexão.

2) Para além da fauna mamalógica, ocorre um elemento malacológico – *Pecten Maximus* (Fig. 8.3).

3) No âmbito dos elementos cerâmicos, ainda que permaneça a ocorrência de fragmentos identificada nos depósitos superiores, ocorrem um pequeno recipiente inteiro e uma colher inteira (Fig. 8.3).

4) Na distribuição dos elementos artefactuais, parece existir uma formalização horizontal em associação à deposição dos cadáveres e das concentrações de fauna.

4. Neste momento, os elementos faunísticos encontram-se em estudo pela Dra. Cláudia Costa (UNIARQ – UA). Com base neste estudo, pretendemos regressar à discussão da produção do espaço aqui sumariamente apresentada, considerando, por exemplo, a identificação das espécies para ensaiar outras especificações espaciais.



Fig. 6.— Estrutura nº 7: componente cerâmica

5) Na constituição dos depósitos, denota-se o aumento da inclusão de pequenos blocos pétreos, a este propósito, saliente-se a UE 1909 que parece tratar-se de uma estrutura que, articulando blocos pétreos e partes de animais, define uma das concentrações de fauna (1908); com efeito, a escavação das UEs 1908 e 1909 teve que ser efetuada em simultâneo, na medida que as partes de cadáveres identificados encontravam-se imbricadas com os elementos pétreos.

6) Ainda relativamente à presença de blocos pétreos, é de referir que o seu aumento parece estar em relação com a formalização horizontal dos elementos faunísticos e cerâmicos; com efeito, os blocos parecem estar associados à cons-

trução de uma base no fundo da estrutura (UE 1913) que “acolhe” um conjunto de práticas de deposição (UE 1913).

A ocorrência dos cadáveres dos animais parece, deste modo, estar associado a um modo distinto de formalização das práticas de enchimento da estrutura, comportando modos de produção do espaço distintos daqueles identificados nos primeiros depósitos de enchimento da estrutura. No âmbito desta produção do espaço, é de salientar um certo carácter concêntrico na disposição dos elementos⁵. Com efeito, o depósito de elementos de fauna UE 1907PI ocorre no centro da estrutura, sugerindo demarcar um centro em torno do qual se distribuem os outros elementos (os dois cadáveres quase inteiros de canídeos, o crânio de um outro canídeo, outro depósito de fauna (partes de cadáveres) em associação a blocos pétreos, os elementos artefactuais cerâmicos e um elemento de malaco-fauna. O carácter concêntrico da disposição destes elementos associa-se, então, a um modo de construção de níveis horizontais que fazem o enchimento da estrutura. Nesta organização concêntrica reproduz-se a tendência geral para a horizontalidade que parece caracterizar as práticas de arquitetura que concorrem neste contexto.

Considerando os aspetos acima descritos, é de salientar que o jogo com a horizontalidade da estrutura nº 19, que parece caracterizar a deposição dos cadáveres animais, é distinto do jogo com a verticalidade da estrutura que referimos anteriormente a propósito da deposição de cadáveres humanos⁶ da estrutura nº 7. Deste modo, a especificidade dos cadáveres comporta uma especificidade de práticas de inumação que, na sua associação a práticas de construção, abre um leque de possibilidades onde se especificam a morfologia das estruturas em negativo, as relações entre os seus depósitos de enchimento e as ligações entre os materiais que participam nessas práticas. Nestes jogos, a arquitetura, enquanto prática de especificação de espaços, é uma prática em que se parece jogar também a especificação/especificidade dos participantes.

5. Este aspeto concêntrico foi identificado noutros contextos peninsulares (Valera *et al.* 2010: 13); num exercício de síntese acerca da coocorrência de canídeos no âmbito da Pré-história recente peninsular, os autores identificam um padrão onde se poderá integrar o contexto em discussão; tal padrão é apresentado do seguinte modo: “deposição de vários cães inteiros, associados ou não a restos de outros animais. São disso exemplo a fossa 62 de Los Cascajos (Navarra) com dois canídeos (García e Sesma 2007), ou a estrutura XII do Polideportivo de Martos (Andaluzia), onde foram depositados cinco cães em torno à cabeça de um javali (Cámara *et al.* 2008) ou ainda a estrutura E3 em Dolores Quintanilla de Carmona (Márquez Romero 2006)” (Valera *et al.* 2010: 13).

6. A este propósito, refira-se que a associação entre verticalidade/humano e horizontalidade/animal foi também identificada no âmbito de uma estrutura da estação de Horta do Jacinto datada na Idade do Bronze (Baptista *et al.* 2012).

Estrutura nº 20/35

Se é certo que os contextos de deposição de cadáveres até agora considerados parecem remeter para distintos modos de articular esses cadáveres com práticas de construção e inumação, o caso da estrutura nº 20/35 vem alterar este cenário. Com efeito, esta estrutura apresentava um cadáver de um canídeo cuja inumação e posição na estrutura sugere algumas características que parecem cruzar os distintos modos de articulação entre práticas de construção e de inumação identificados nas estruturas nº 7 e nº 19. Vejamos, então, os seguintes aspetos da estrutura nº 20/35:



Fig. 7.— Estrutura nº 7: componente lítica

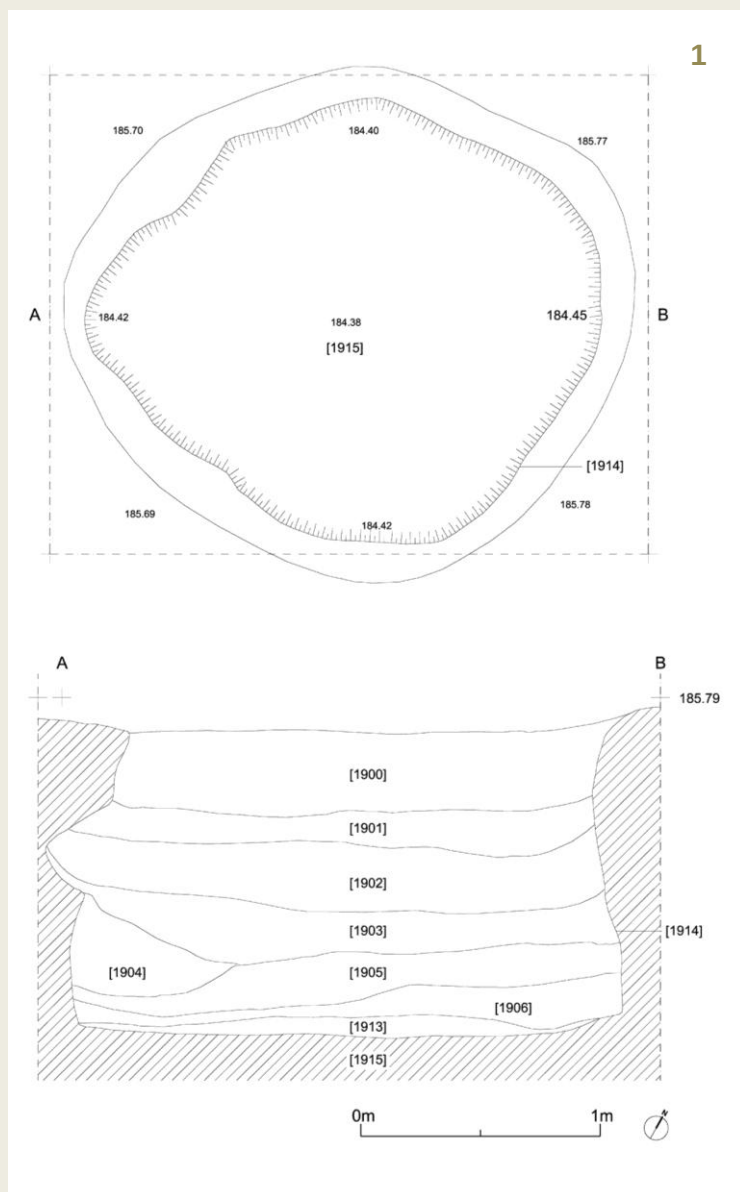


Fig. 8.— Estrutura nº 19: 1. Planta e Secção; 2. Nível de inumação/ deposição; 3. Componente artefactual e fauna malacológica

1) Em termos morfológicos, a estrutura é constituída por dois módulos (o “módulo UE 3508 e o módulo UE 2003), apresentando uma planta em 8, destacando-se, assim, da morfologia das restantes estruturas que apresentamos até agora (Fig. 9.1).

2) A deposição do canídeo localiza-se apenas no “módulo UE 3508” (Fig. 9.2); este módulo apresenta uma forma de tendência semi-globular alongada, ou seja, uma morfologia semelhante à da estrutura da Sondagem nº 7 sem, contudo, apresentar os nichos onde se encontravam depositados os cadáveres humanos.

3) Do ponto de vista do enchimento da estrutura, a sequência estratigráfica definida é composta por um conjunto de depósitos de matriz areno-argilosa de cor castanha que diferem na sua coloração e compactidade, ou seja, trata-se de uma sequência semelhante à da estrutura da Sondagem nº 19.

4) No que diz respeito à deposição do cadáver, é de salientar a sua ocorrência quase no topo do enchimento da estrutura, numa zona em que as paredes são muito inclinadas, encontrando-se o cadáver encostado à parede Este da estrutura.

5) Após a remoção do cadáver, foi possível definir um nível pétreo que, aparentemente, parece ter sido construído para “acolher” o cadáver; o crânio e os coxais do cadáver estavam apoiados em blocos de tal estrutura (Fig. 9.3).

6) Nesta segmentação do interior da estrutura, que define o espaço da inumação, ocorre apenas um cadáver, à semelhança do que acontecia com os cadáveres humanos da estrutura nº 7 e ao contrário da estrutura nº 19 onde os cadáveres são colocados num “nível comum”.

7) O nível de deposição do cadáver não apresentava qualquer elemento artefactual, à semelhança dos cadáveres humanos da estrutura nº 7 e ao contrário dos cadáveres animais da estrutura nº 19, onde ocorrem em relação com elementos artefactuais e depósitos de fauna.

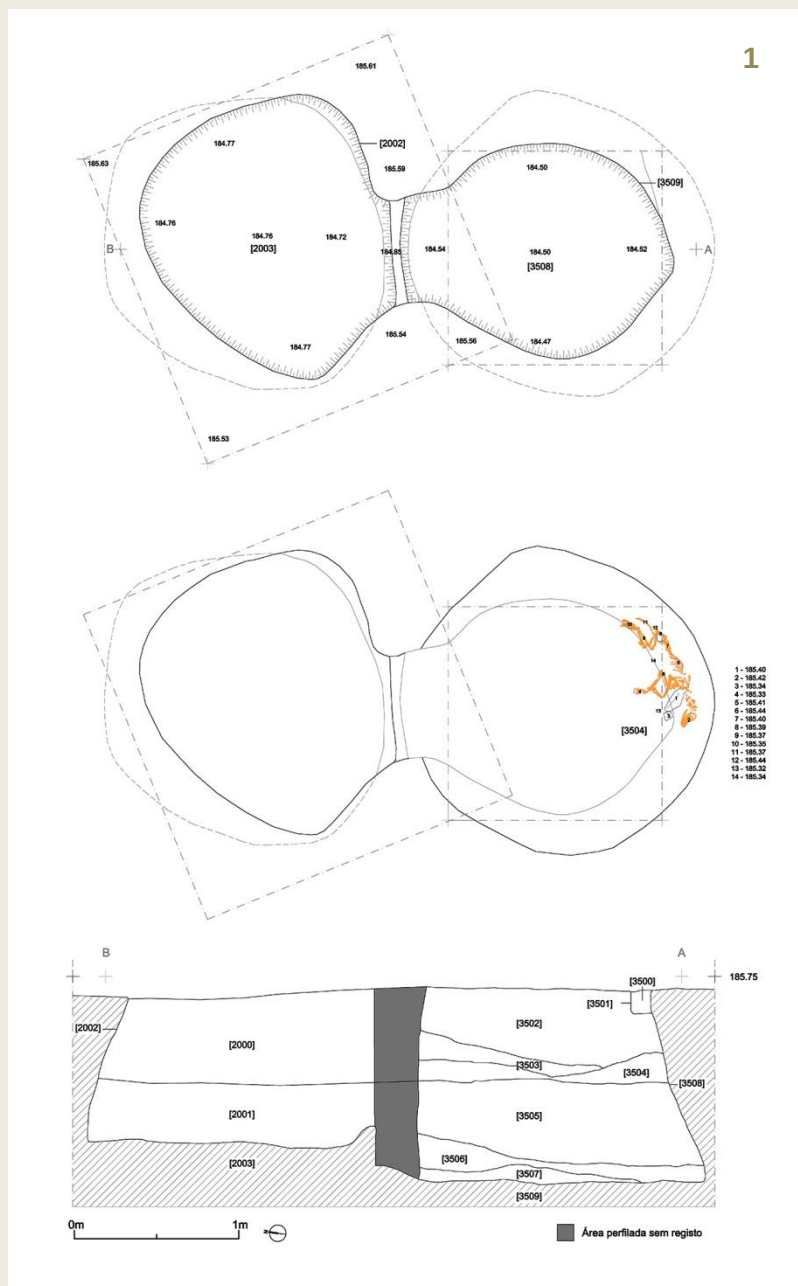


Fig. 9.— Estrutura N.º 20/35: 1. Planta, secção e nível de Inumação; 2. Nível de Inumação; 3. Estrutura pétrea onde foi colocado o canídeo



Fig. 10.— Estrutura nº 20/35: componente cerâmica

8) No que diz respeito à participação dos elementos artefactuais, registou-se um elevado número de fragmentos cerâmicos dispersos pelos diferentes depósitos de enchimento (Fig. 10).

Considerando estes aspetos, a deposição deste canídeo, na sua relação com os restantes elementos que compõem a estrutura, invoca formalizações que vimos anteriormente especificadas em função dos cadáveres identificados nas estruturas nº 7 e 19. Deste modo, na arquitetura da deposição deste cadáver

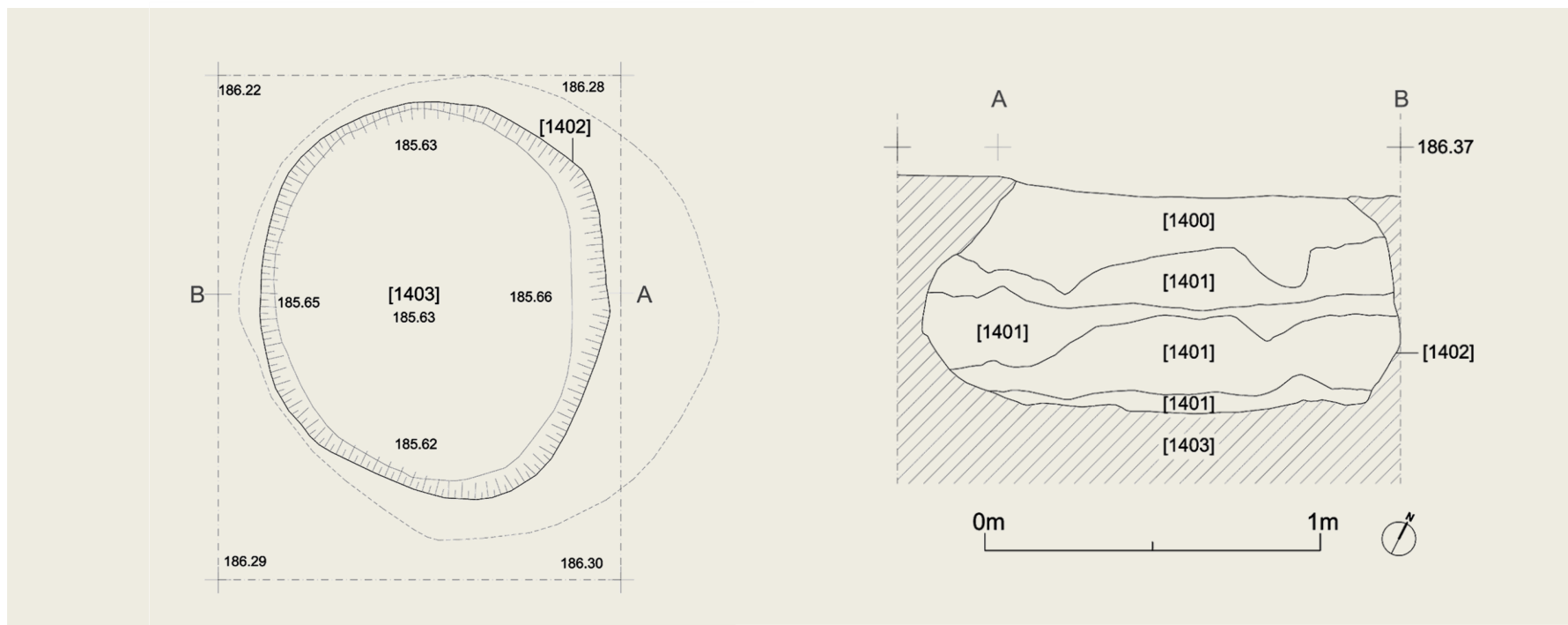


Fig. 11. — Estrutura nº 14: planta e secção

parece ter existido um jogo que cruza práticas de inumação e construção que noutros contextos são especificadas em função da “natureza” dos cadáveres. Neste sentido, a arquitetura da estrutura faz-se numa dinâmica que, retomando formalizações observadas nas estruturas nº 7 e nº 19, joga com outras possibilidades de articular as práticas de inumação com as práticas de construção.

Estrutura nº 14

A estrutura nº 14 apresenta uma morfologia semi-globular, destacando-se das estruturas anteriores por apresentar dimensões mais reduzidas (Fig. 11). O seu enchimento era constituído fundamentalmente por níveis pétreos envolvidos em



Fig. 12.— Estrutura nº 14: componente cerâmica

depósitos argilosos, nos quais foram recolhidos fragmentos de recipientes cerâmicos, uma lâmina de sílex, um polidor de quartzito e um dormente de granito (Fig. 12). No topo deste enchimento, encontrava-se uma concentração de restos faunísticos, nos quais foi possível reconhecer a presença de ovi-caprideos (Fig. 13). Esta concentração apresenta algumas semelhanças com o depósito de fauna do centro da estrutura nº 19, porém o seu lugar na estrutura é distinto. Se, na estrutura nº 19, a concentração se associava a um conjunto de outros elementos faunísticos, aqui aparece isolada dessas relações. Porém, parece manter um certo protagonismo na definição do espaço, isto é, na estrutura nº 19 marcava o centro da distribuição dos elementos, nesta estrutura parece colmatar a sequência de enchimento. Neste sentido, cada uma das estruturas remete para



Fig. 13.— Estrutura nº 20: depósito faunístico

possibilidades distintas de um depósito faunístico “ordenar” o espaço onde ocorre e, conseqüentemente, refazer a ligação entre as práticas de construção e de deposição em cena nesse espaço.

3. NOTA FINAL

Quando analisamos estes contextos parece haver um jogo de citação feito num entrelaçamento que ativa relações entre práticas. Se, nesta análise comparativa das estruturas havia uma inquérito à arquitetura (inspirado em McFayden 2006),

das respostas que esse inquérito nos proporciona decorre a ideia de uma ontologia pré-histórica distinta daquela que a faz falar. Nos casos apresentados, tendo em conta que estamos perante cadáveres humanos e de animais, os contextos remetem para os contornos da construção das possibilidades da animalidade e da humanidade em tal ontologia (ver Valera 2012b, a propósito da discussão da relação entre o Homem e o Animal na Pré-História recente). Na análise que desenvolvemos, procuramos essa ontologia nos movimentos onde se redefinem as formalizações que estabelecem o lugar das coisas. Isto é, procuramos a ontologia nas possibilidades de circulação das coisas nas práticas de construção e de inumação. No entrelaçamento destas práticas, refazem-se a morfologia dos espaços, o lugar dos participantes e a topografia das relações entre os diferentes dispositivos arquitetónicos; refaz-se, pois, a ontologia que permite o mundo destas coisas. Neste artigo tentámos, então, contribuir para a discussão das possibilidades de fazer falar o movimento onde se atualiza essa ontologia; tentámos contribuir para fazer falar a arquitetura enquanto prática dessa ontologia.

Agradecimentos: à equipa da escavação, nomeadamente à Flávia Chaves que co-dirigiu os trabalhos de campo; a Nelson Vale, João Molha, Cláudio Jorge, Francisco Barros, José Grilo pelo empenho no estudo dos materiais; a João Molha (fotografia de materiais); a Rodry Mendonça (desenhos e SIG).

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Relatório Final – Intervenção Arqueológica em Horta da Morgadinha*, (Relatório inédito, IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2012): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Relatório Final Global*, (Relatório inédito, IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., CUNHA, L. e GOMES, S. (2009): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Relatório Final – Intervenção Arqueológica em Horta da Morgadinha 1*, (Relatório inédito, IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., GOMES, S. e COSTA, C. (2012): “As dinâmicas de deposição e construção no sítio pré-histórico de Horta de Jacinto (Beringel, Beja)”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 585-596.
- CHAVES, F., BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2012): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Relatório Final – Intervenção Arqueológica em Horta da Morgadinha 2*, (Relatório inédito, IGESPAR). Lisboa.
- MCFADYEN, L. (2006): “Material culture as architecture - Neolithic long barrows in Southern Britain”. *Journal of Iberian Archaeology* 8: 91-102.
- RODRIGUES, Z. (2012): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Relatório Final – Trabalhos de Antropologia no âmbito da Intervenção Arqueológica em Horta da Morgadinha 2*, (Relatório inédito, IGESPAR). Lisboa.
- VALERA, A.C. (2012a): “Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 25-38.

VALERA, A.C. (2012b): “A Vaca de Almada e o Problema das Relações Homem / Animal na Pré-História Recente”. *Al-madan (2ª Série)* 17: 22-29.

VALERA, A.C., NUNES, T. e COSTA, C. (2010): “Enterramento de canídeos no Neolítico: a Fossa 5 de Corça 1 (Brinches, Serpa)”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5: 7-18.